

O PORTUGUÊS FALADO

DESCRIÇÃO SISTEMÁTICA DOS SEUS ASPECTOS

Maria de Fátima Viegas Brauer-Figueiredo
Universidade de Hamburgo

Preliminares

Apresentam-se alguns resultados de um projecto de investigação sobre o Português falado iniciado em 1984, cuja publicação está prevista para 1996, na Alemanha.

O estudo teve por base um *corpus* de cerca de 155.000 palavras, constituído por conversas, debates e entrevistas bem como por extractos de seminários e conferências sobre literatura portuguesa. Um dos debates analisados, de 14.000 palavras, tem por tema "O acordo ortográfico" e nele participaram sete professores universitários e jornalistas.

A tentativa de uma descrição sistemática das particularidades do Português falado permite tirar as seguintes conclusões:

- 1º Ao contrário do que tem sido afirmado, as diferenças entre a língua falada e a língua escrita são consideráveis.
- 2º Alguns fenómenos geralmente incluídos na variedade diastrática pertencerão à variedade diafásica.
- 3º Em meu entender, o critério "amplamente documentado em trabalhos dialectológicos e na literatura regionalista", usual para a marcação diastrática de certos aspectos e fenómenos, perdeu a sua validade.

0 Introdução

O aparecimento na Alemanha, em 1990, do estudo *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch* ("A língua falada nos países românicos: Francês, Italiano e Espanhol"), da autoria de PETER KOCH e WULF OESTERREICHER, levou os romanistas alemães interessados pelo Português a perguntar: É o Português? Em que medida se aplicam também ao Português as observações relativas a essas três línguas românicas? E quais os fenómenos específicos do Português falado?

É que na obra mencionada não se faz qualquer referência ao Português, como o título deixa aliás entrever.

Também a *Enciclopédia Linguística Românica*¹ publicada recentemente na Alemanha, reflecte de certo modo o atraso temporal da investigação do Português em relação às outras línguas românicas: o 4º volume, relativo ao Italiano, apareceu em 1988, o 5º, dedicado ao Francês, em 1990 ao passo que só em 1994 foi publicado o volume respeitante ao Português. Na *Enciclopédia*, o artigo 432² – *Português: Língua falada e língua escrita* – apenas considera obras e estudos publicados até 1984, incluindo um breve panorama do Português falado, *Zum gesprochenen und verschrifteten Portugiesisch*, em que SCHMIDT-RADEFELDT³, baseando-se essencialmente em estudos publicados entre 1976 e 1983⁴ enumera pontualmente alguns fenómenos morfo-sintácticos, semânticos e contextuais do Português falado. Contudo, na bibliografia respeitante ao artigo 432 vem já mencionada a obra de KOCH / OESTERREICHER acima referida bem como os quatro volumes de *A linguagem falada culta na cidade de S. Paulo. Materiais para o seu estudo*, organizados entre 1986 e 1990 por CASTILHO / PRETI / URBANO. Incompreensivelmente, não aparece qualquer referência a *Português Fundamental. Métodos e Documentos*⁵.

1 O projecto

1.1 Transcrição

Em função dos objectivos do projecto, considerou-se adequada a transcrição ortográfica convencional; fazem-se, contudo, algumas concessões à realização fónica a fim de poder evidenciar a discrepância entre a língua falada e a escrita.

São os seguintes as convenções de transcrição adoptadas:

<i>Sinais</i>	<i>Significado</i>
?	entoação interrogativa
-/	interrupção na palavra
- / -	interrupção na sequência
	pausa involuntária
\	pausa voluntária
Negrito	alongamento de vogal / consoante
<i>Itálico</i>	reprodução de realizações fónicas
‘ . ’ ‘ . ’ ‘ . ’	elisão ou redução
<	correção explícita
" - "	discurso directo
MAIÚSCULAS	entoação enfática
[x]	palavra / sequência incompreensível
[...]	omissões
Clara, Pedro, Sintra, etc.	alteração de nomes para manter o anonimato
Inicial maiúscula	nomes que, de acordo com as regras, se escrevem com maiúscula

1.2 O corpus

Entre 1984 bis 1994 tivemos oportunidade de reunir e transcrever uma série de *corpora* variados do Português falado.

Com o propósito de analisar o bilinguismo de emigrantes da 2ª geração na Alemanha, começámos por recolher em Hamburgo entrevistas e conversas com alunos da escola portuguesa, estudantes universitários e jovens portugueses exercendo actividade profissional. Posteriormente, fizemos em Portugal gravações com informantes dos três estratos sociais (alto, médio e baixo) no meio rural e no urbano, nas faixas etárias de 12 a 75 anos: entrevistas, conversas livres e dirigidas, discussões sobre temas variados e diversificados. Gravámos debates, conferências e seminários em que participaram professores universitários e escritores. Recolhemos ainda gravações de entrevistas e debates televisivos.

O *corpus* assim constituído contém cerca de 155.000 palavras, sendo suficientemente diversificado para o objectivo do projecto. A extensão das diversas gravações vai de 500 a 5.800 palavras; numa

parte das entrevistas é também analisada a participação dos entrevistadores.

Com base neste *corpus* e considerando as observações e conclusões de KOCH / OESTERREICHER em relação ao Francês, ao Espanhol e ao Italiano, propus-me apresentar na Alemanha uma descrição sistemática do Português falado.

Para a presente comunicação, seleccionámos a título de exemplo seis temas: fonologia, processos conversacionais, reprodução do discurso directo, construções impessoais com tópico marcado, pronomes expletivos e pronomes demonstrativos.

2 Nível fonológico

A articulação pouco cuidada, um fenómeno tão característico do Português falado, origina assimilações, elisões, reduções ou mesmo a supressão de sílabas.⁶ Em muitos informantes registou-se por vezes a pronúncia oscilante de algumas palavras: ao lado da articulação especialmente cuidada, correspondente à norma linguística, uma descuidada. Essas realizações são, em meu entender, marcadas diafasicamente e não diastraticamente, como tem sido afirmado.⁷

A título exemplificativo, apresentamos algumas indicações estatísticas quanto às realizações *também* e [*tam'ém*], *para*, [*p'*] e [*p'r'*], *estar* e [*'tar*] bem como *depois* e [*'pois*].

Em relação ao número total de palavras do *corpus*, foi a seguinte a sua frequência:

1) <i>para</i>	[<i>p'</i>]	[<i>p'r'</i>]
0, 46%	0, 61%	0, 33%
2) Formas de <i>estar</i> ⁸	Formas reduzidas de <i>estar</i> [<i>'tar</i>]	
0, 52%	0, 37%	
3) <i>depois</i>	[<i>'pois</i>]	
0, 33%	0, 06%	
4) <i>também</i>	[<i>tam'ém</i>]	
0, 50%	0, 08%	
1) <i>para</i>	[<i>p'</i>]	[<i>p'r'</i>]

As realizações com elisão foram registadas em mais de 85% dos informantes (de todos os níveis de instrução).

2) Formas de *estar* Formas reduzidas [*'tar*]

Mais de 75% dos informantes utilizaram formas reduzidas de *estar* [*'tar*]. Em 14, 6% desses informantes, a frequência registada foi superior a 1, 00% (recordemos que a frequência média das formas reduzidas foi de 0, 37%).

3) *depois* [*'pois*]

A realização [*'pois*] foi superior à realização *depois* em 11, 4% dos informantes, sendo todos alunos de escolas secundárias e estudantes universitários.

4) *também* [*tam'ém*]

Verificaram-se ambas as realizações em 35% dos informantes. Em 19 informantes de todos os níveis de instrução, a realização [*tam'ém*] foi superior a 0, 20% (enquanto a frequência média foi apenas 0, 08%), tendo atingido uma percentagem especialmente elevada entre alunos de escolas secundárias e estudantes universitários: 55% a 68%.

Finalmente, chama-se a atenção para estas e para as demais realizações fónicas, todas elas reproduzidas nos exemplos que se encontram no presente estudo.

3 Processos conversacionais⁹

O discurso oral é organizado e ordenado não só através da sintaxe e da estrutura argumentativa mas também através de estratégias a que chamaremos *processos conversacionais*.

Serão apresentados os diversos *processos conversacionais* do Português falado (3.1 – 3.6) e no final (3.7) os respectivos exemplos.

3.1 Marcadores conversacionais

Os *marcadores conversacionais* funcionam como uma espécie de pontuação oral. Marcam os limites de um turno conversacional, assinalam o início e o final de sequências distintas, podem também marcar a relação lógica entre sequências ou ainda uma mudança de tema. Não constituem uma classe gramatical própria nem se integram sintacticamente nas sequências em que aparecem.

Seguindo a classificação de KOCH / OESTERREICHER,¹⁰ dividimos os *marcadores conversacionais* em *marcadores conversacionais iniciais* e em *marcadores conversacionais finais*.¹¹ Alguns *marcadores* podem desempenhar tanto funções de *marcadores conversacionais iniciais* como de *marcadores conversacionais finais*. Frequentemente, combinam-se até vários *marcadores*, como se poderá verificar em alguns exemplos. A frequência dos *marcadores conversacionais finais* é elevada embora estes não apresentem tão grande variação como os *marcadores conversacionais iniciais*: registaram-se no *corpus* 16 *marcadores conversacionais finais* distintos e 58 *marcadores conversacionais iniciais*. No discurso de alguns falantes nota-se a preferência por determinados *marcadores*.

Aparecem na função de *marcadores conversacionais* essencialmente advérbios e conjunções mas também interjeições, pronomes, adjectivos e verbos – sem valor semântico e sem desempenharem as suas funções sintácticas originais.

Embora não pudesse ser analisada separadamente a frequência dos *marcadores conversacionais* no *corpus*, apresenta-se a frequência global de palavras que podem desempenhar essa função pois considero, mesmo assim, significativa a comparação das frequências.

	<i>corpus Brauer</i>	<i>Português Fundamental</i>
agora	0, 35%	0, 34%
ah	0, 08%	0, 13%
assim	0, 50%	0, 55%
bem	0, 25%	0, 18%
bom	0, 12%	0, 17%
depois	0, 39%	0, 49%
e	3, 25%	3, 15%
e assim	0, 07%	—
e depois	0, 16%	—
eh	2, 11%	—
enfim	0, 09%	0, 08%
então	0, 15%	0, 27%
mas	0, 81%	0, 91%
não é?	0, 27%	—
ora	0, 04%	0, 04%
pois	0, 13%	0, 43%
por exemplo	0, 12%	0, 16%

portanto	0, 29%	0, 31%
que ¹²	3, 96%	3, 97%
quer dizer	0, 21%	0, 49%
sei lá	0, 04%	—
sim	0, 39%	0, 26%
também	0, 59%	0, 41%

3.2 Fáticos

Este grupo de *processos conversacionais* regula a interacção comunicativa, assinalando ou insinuando de modo estereotipado reacções emocionais e racionais por parte do ouvinte e do falante. A sua função é, pois, interaccional. Subdividem-se em *fáticos do ouvinte* e *fáticos do falante*.¹³ É evidente que também a entoação e a mímica desempenham um papel importante na interacção comunicativa.

3.2.1 Fáticos do ouvinte

Imperativos estereotipados e outras formas verbais cristalizadas, interjeições e vocativos podem funcionar como *fáticos do ouvinte*.

Os *fáticos do ouvinte* assinalam a atitude do ouvinte em relação ao acto conversacional: aprovação, surpresa, discordância, incompreensão, indignação, impaciência, etc.. KOCH / OESTERREICHER distinguem entre o seu emprego fraco e o forte: no primeiro caso, como *feedback* comunicativo permanente;¹⁴ no segundo, traduzindo a reacção e opinião em relação ao acto conversacional. Neste segundo grupo, incluímos também os *fáticos do ouvinte* que assinalam o desejo insistente da tomada de turno, e que KOCH / OESTERREICHER agrupam separadamente.¹⁵

3.2.2 Fáticos do falante

Formas pronominais ou pronominalizadas de tratamento e vocativos,¹⁶ *question-tags*, interjeições, imperativos estereotipados e outras formas verbais cristalizadas funcionam como *fáticos do falante*.

Os *fáticos do falante* podem ter as seguintes funções: provocar a concordância por parte do ouvinte ou certificar-se da sua compreensão, manter, atrair ou controlar a sua atenção, suscitar a tomada de turno. Acrescente-se, porém, que muitas vezes são puro automatismo. Secun-

dariamente, estes *fáticos* podem exercer também a função de *marcadores conversacionais*.

3.3 Sinais de hesitação

Devido à espontaneidade característica da língua falada, nem sempre o falante consegue evitar hesitações ou pausas durante a formulação do discurso. Esses momentos são então preenchidos por *sinais de hesitação*. No *corpus*, a *pausa vazia* foi raramente utilizada; com maior frequência, registaram-se *pausas cheias* (com um som ou com palavra/s), *alongamentos* de vogais ou consoantes, *repetições*¹⁷ (de sílabas, de palavras e de sequências). Registou-se especialmente a repetição de monossílabos. Como em outras línguas, o emprego do som *eh* depende muito do falante; no *corpus* verificou-se mesmo uma ocorrência nula em vários falantes de nível de instrução baixa mas em falantes de nível de instrução superior a sua frequência foi por vezes elevada.

Como no Francês, Italiano e Espanhol, também no Português alguns *sinais de hesitação* são idênticos a *marcadores conversacionais* e a *fáticos*. Em alguns casos torna-se difícil determinar qual a função que predomina. Por outro lado, regista-se com frequência o aparecimento de *sinais de hesitação* combinados com *marcadores conversacionais* e / ou *fáticos*.

3.4 Sinais de auto-correcção

Distinguimos entre a correcção de erros formais e a correcção de erros de conteúdo.

A auto-correcção diz respeito à formulação na retrospectiva: é necessário anular ou corrigir imprecisões ou erros. Como não se pode riscar ou apagar o que já está dito, os *sinais de auto-correcção* sinalizam precisamente que o enunciado deixa de ser válido – total ou parcialmente ou em determinado aspecto.

3.4.1 Correcção de erros formais

A correcção de erros formais faz-se através de uma interrupção sem *senal de auto-correcção* explícito (lexical) ou por meio de uma interrupção seguida de *senal de auto-correcção* explícito. No primeiro

caso, a interrupção pode dar-se abruptamente na palavra ou na sequência. Registou-se com frequência a correcção do artigo (definido e indefinido) em género e / ou número.

3.4.2 Correcção de erros de conteúdo

A correcção de erros de conteúdo faz-se anulando uma afirmação (negando o elemento a corrigir e afirmando o contrário) ou através de uma *precisão*, procurando maior exactidão, maior rigor na formulação, ampliando ou restringindo semanticamente um elemento.¹⁸

3.5 Sinais de insegurança ou imprecisão

Os *sinais de insegurança ou imprecisão* são um fenómeno universal da língua falada. Não solucionam propriamente dificuldades na formulação do discurso, ou porque o falante não tem interesse em o fazer ou porque não o consegue. Por isso mesmo os utiliza, mostrando assim que resolve desistir da conclusão do enunciado planeado.

No Português falado há uma grande variedade de *sinais de insegurança ou imprecisão*. No *corpus*, registaram-se 78 diferentes no discurso de 67% dos informantes (de todos os níveis de instrução). Os mais frequentes foram – por ordem decrescente – *ou assim, e assim, e tal, e tudo, etc., não sei quê, nem nada, e isso*.

3.6 Repetições-eco

No *corpus* foram registadas repetições que se distinguem claramente das *repetições expressivas*¹⁹ e também das repetições provocadas por *hesitação*. Esse tipo de repetições que, dadas as suas características, denomino *repetições-eco*, verifica-se com relativa frequência no Português falado, especialmente em sequências curtas. Trata-se de um automatismo.²⁰

3.7 Exemplos

Nos exemplos que se seguem, vão assinalados por tracejado os *sinais de insegurança ou imprecisão* e por sublinhado os *marcadores conversacionais, fáticos, sinais de auto correcção* explícitos e as *pausas cheias*.²¹

- (1) *p'ros* alemães também não é fácil mas *p'os* estrangeiros *p'os* estrangeiros ainda é mais difícil ainda \ *não*?
- (2) e alguns dos escritores dos bons escritores portugueses dessa época foram muito influenciados pelos grandes romancistas *eh enfim digamos* dessa / *digamos* dess- / tempo \ dos grandes romancistas brasileiros como um Jorge Amado um Graciliano um Lins do Rego *eh enfim* houve de facto e não se tratava e e não se tratava apenas de *digamos* da leitura feita por escritores dos outros escritores a a verdade é que o público gostava até mais cultivava mais a leitura do romance brasileiro do que \ em alguns casos pelo menos do próprio romance português
- (3) *o Sr.* agora já já fala já fala *assim* português
- (4) é uma é uma ilha lindíssima
- (5) *pois* mas agora mas agora *se me dão licença* sou eu eu eu eu
- (6) graças a Deus vivo vivo vivo \ *bem* vivo *pronto eh* o trabalho agora *num* me mata *porqu'* eles é que estão entregues das das coisas que tinha das poucas coisas que tinha eles é **que** resolvem isso *e* eu faço aquilo que posso *e pronto e* vou assim vivendo
- (7) e as coisas complicam-se um bocado < complicaram-se um bocado e l'inda hoje estão complicadas *quer dizer* continuam complicadas *não é?* **porque** o nível de vida sobe *eh* duma maneira assustadora
- (8) não temos problemas de insol- / de solvência em Portugal somos solventes Portugal é um país solvente
- (9) toda a gente quando os emigrantes vêm sobem a carne de porco *eh* so- / sobe tudo sobem os preços todos quando eles vêm *não é?* **uma** / sobe o preço de < dos frangos sobe tudo *eh* e o *qu'* é engraçado é quando os emigrantes vêm *eh* se nota claramente na televisão os anúncios directamente dirigidos aos emigrantes MUITa MUITa MUITa propaganda dirigida nomeadamente a [x] compra de andares sobretudo compra de andares fundamentalmente investimentos grandes investimentos portanto vê-se **que** o apelo é dirigido *eh* directamente ao emigrante
- (10) é isso é há falta de dinheiro há falta de dinheiro e as pessoas *lá está* ou compram mesmo porque têm aquela necessidade \ de comprar ou então esperam por boas alturas
- (11) *'pere* aí eu queria dizer outra < uma coisa
- (12) mas eles têm / *eh sabe* os professores no liceu ...
- (13) *oh* com 12 ou com 13 anos
- (14) *é pá* desse não me lembro
- (15) *eh* que é que nós podemos dizer mais do professor? *ó pá* falem *tam'ém* digam qualquer coisa

- (16) *ai* Coimbra gosto
- (17) *olha* nem sei nem sei
- (18) não só tenho *ora deixe-me* então contar três quatro \ quatro ovelhas com a chiba e um borreguito que é este
- (19) *oh* eu não \ se gostasse ainda hoje lá andava ...
- (20) *ah* ele vem todas as semanas todas as semanas
- (21) *olhe* \ lá vivem mas vivem todos bem *graças a Deus*
- (22) *ah* 'tá bem julguei que 'tavas a dizer um médico particular
- (23) *desculpa* Zé mas | há aí uma coisa \ *é que* no caso de ires ó médico particular ...
- (24) dá quando a ano corre *Menina* quando *num* corre \ *trabalhemos* e não temos nada é como este ano o ano é desgraçado
- (25) é aqui ao café a *Menina* não sabe o que é < onde é o café?
- (26) então agora 'inda lá vão abaixo a *Menina* chega ali em baixo àquela casa corta à direita e lá vai ter àquilo dela
- (27) mas se a *Madrinha* quiser levo lá um pãozinho
- (28) eh *Sra. Dra.* só agora para terminar queríamos-lhe perguntar ...
- (29) *pronto Sra. Dra.* muito obrigada
- (30) *olhe Teresa* eu vou-lhe dizer outra coisa
- (31) palavrado? já acabou ao pé do *qui* era \ a *Menina* não 'teve cá em 74 nem em 75?
- (32) *quer dizer* | eu? *minha Senhora* sou director de duas agências publicitárias sou jornalista
- (33) e 'tá a ver? não tem NADA com fraqueza do homem o homem daí de maneira nenhuma é um homem fraco
- (34) *mas sabe eh por exemplo* entre os escritores *eh eh* a gente não pode gostar uns dos outros *mas eh* tem estima pessoal não tenho pessoalmente nada contra também não tenho pessoalmente nada a favor *eh* é uma pessoa com quem sempre me dei bem
- (35) *ah* 'tou a perceber *eh ora bem* tenho duas objecções a isso ó *Ana*
- (36) *não* eu | *quer dizer* nem nem sequer se trata de fracasso em certo sentido porque para um autor *lá está* tudo é é a questão da relativização se eu escrevesse a JANGADA DE PEDRA era óptimo que nunca escrevi nenhum romance *não é?*
- (37) não sei se *vocês* repararam nisso *hm?* e ...
- (38) é difícil *sabe?* porque cada ilha tem ...
- (39) já o português é como uma segunda língua para eles *não é?* e às vezes têm muita dificuldade
- (40) *ah* isso sou *minha Filha*
- (41) eu já disse *minha Filha* que é segredo
- (42) não sei *minha Senhora* pois é isso que falta *ouça* vou-lhe contar uma coisa que ...

- (43) uma ocasião não posso dizer eu sei que tinha alguns 9 anos mas talvez ainda não os tivesse *compreendeu?* e vim do Soito eu vinha tão carregada com tanta fatia de broa / quando ia para lá ia cheia de fome
- (44) então *diga-me lá uma coisa* é por causa desse seu jeito que a *Senhora* tem \ para para cuidar das pessoas que vem muita gente ter consigo para para que a ajude porque é que cá vem tanta gente *diga lá vá conte lá*
- (45) *olhe mas a Senhora* é muito conhecida aqui nas redondezas
- (46) todos todos eles fizeram obra / e \ *digo-lhe* \ a obra feita pelas autarquias é extraordinária e com- / como é que se conseguiu esse dinheiro senão através do orçamento do Estado?
- (47) *o sr. Dr.* falou em áreas inovadoras onde de facto ...
- (48) *Sotor* e se perder as eleições ...
- (49) *a Sotora Manuela Ramos* agora que há mui- / que há muito tempo estava a pedir para falar faz favor de intervir no debate
- (50) e eu posso fazer uma pergunta *se me dá licença* porque tem a ver com isto
- (51) *Sr. Prof. mas desculpe* em sua opinião há ou não uma subalternidade da língua e da cultura portuguesa no seu geral em relação *eh* ao Brasil?
- (52) *eh eh oiça ó Jorge Sousa* a coisa é tão complicada ...
- (53) qual qual foi a data que *você* lhe deu para começo? não me recordo
- (54) *desculpe é que* há aqui uma diferença
- (55) *o Sr. Prof. 'tá a / o Sr. Prof. 'tá a* fazer confusão o *qu'* é *qu'* isso tem a ver com ortografia?
- (56) estávamos numa aldeiazinha numa praia pequena muito pacata \ onde fazíamos / onde estávamos na praia onde fazíamos vida de praia desde as 8 da manhã quase até às 8 da noite *de maneira que* \ era muito bom
- (57) ele não tem casa está a viver / é lá no Souto que está a viver *e de maneira que* eles também são pouco trabalhadores e o caso que é que há-de se ver à rasca um dia *p'ró* tirar de lá
- (58) estivemos \ 3 meses que lá estivemos *então* falavam *p'ra* nós não nos / não percebíamos nada do que diziam não percebiam \ a minha neta já / como anda lá a estudar a do meu Jorge a mais velha do do meu Jorge *de maneira que* chega lá uma senhora ao pé de nós a procurar-lhe qualquer coisa *mas* nós não percebíamos nada *e* dissemos que não sabíamos *e depois* a minha neta ela *apercebeu* o que ela dizia foi-lhe ensinar
- (59) um está a trabalhar na *Câmb'ra* um que cá está é empregado da *Câmb'ra* *mas* há 7 anos ou 8 que está empregado na *Câmb'ra* é maquinista da *Câmb'ra*

- (60) é evidente que até por razões profissionais leio muitíssimo e certamente que tudo aquilo que eu li deixou alguma marca em mim *agora* a nível consciente eu não saberia citar *assim* nenhum autor especial duma corrente especial
- (61) no fundo foi o *qu'* aconteceu em Portugal *quer dizer* havia um desejo enorme de se conseguir *eh* um nível de vida mais alto *eh*
- (62) *seja como for* Portugal a partir de 74 é de novo um País remetido à dimensão das suas fronteiras europeias
- (63) *sim não mas* eu diria que os p-/ os 2 principais são ...
- (64) *sim não* \ compreende-se às vezes falar pode ser *assim / bem mas* compreende-se compreende-se *mas também* os alunos vão para escola os alunos / é o problema é que têm / não são desinibidos têm vergonha *não é?* de falar português porque *depois* falam mal e os outros colegas começam a rir
- (65) diga lá *porque* eu explico-lhe
- (66) *pronto* há desafios interessantes
- (67) *bom* é evidente que num plano de construção ficcional pode aparecer tudo evidentemente mas as pessoas quando falam em princípio não fazem ficções a não ser os romancistas *agora eh* o que disse o Manuel Sousa Santos duvido *qui* uma mesma pessoa só por absurdo como disse e muito bem...
- (68) *ora bem* essa é a meu ver \ e eu compreendo que tenha que fazer isso para elucidar o público \ *mas* essa é a melhor forma de desautorizar um acordo e porquê? porque *eh* eu quase *qui* aposto que as pessoas as poucas pessoas que nos estão a ver a esta hora ficaram assustadíssimas com aquele monte de palavras
- (69) *sim* \ *bom* vamos lá a ver uma coisa eu devo dizer antes de mais o seguinte
- (70) eu queria aqui retomar alguns pontos e começaria pelos livros escolares porque é realmente uma coisa com *qui* os editores e livreiros e os opositores do acordo *enfim* entram *p'a* casa das famílias dentro e aterrorizam
- (71) o Sr. Sr. Prof. disse com razão que de facto haver duas grafias *pois* prejudica com certeza o o ensino do Português
- (72) *sim* a princípio *quer dizer* custou bastante porque eu depois vim para a escola alemã *n'é?* e ouvia-os eles eles a falar e isso tudo e não compreendia nada *n'é?* e *depois* o professor começava-se a rir *p'ra* mim porque eu tinha que fazer aquilo e não compreendia *n'é?* ao mesmo tempo só me dava *p'a* chorar e não ir mais para a escola *n'é?* mas depois os meus pais obrigaram-me diziam < disseram-me que tinha de ser porque tinha *me'mo* que aprender porque ainda era muito nova

- n'é? p'ra* não ir para a escola *e depois \ quer dizer num* me custou muito mas ao princípio custou bastante por causa da língua *n'é?* ser diferente
- (73) gostava de bailar *não é?* os meus pais em princípio não não me queriam deixar mas depois sempre aceitaram *não é?*
- (74) se calhar não há argumentos às tantas *\ pronto* eu posso eu posso-lhe dar eu posso-lhe dar de novo dois exemplos
- (75) não sou realmente não sou nem sou anti-comunista *pronto \ sou* o que sou *acabou-se*
- (76) *não mas quer dizer* não cumpriram o de 1991 *pronto*
- (77) e e e como é ela só filha única cle tem que tratar daquilo tudo *de maneira que* vem todas as semanas é um gasto de gasolina *qu'* eu sei lá mas tem que ser *pois*
- (78) a minha miúda 'iá no Jardim-Escola *quer dizer* está no Jardim-Escola
- (79) isso é *qu'* eu *num* sei *num* sei
- (80) também digo também digo também digo
- (81) eu *tam'ém* sou professor eu *tam'ém* sou professor *Sr. Prof.*
- (82) *olhe* quando pode quando pode por acaso hoje *ó* domingo anda ele a podar videiras
- (83) é raro é raro o dia que eu as vá guardar
- (84) *se-/ se-/ segue* segue em frente segue em frente *p'ra* baixo segue à direita *p'a* baixo
- (85) veja o *qui* é a grande auto-estrada que já se / a grande via rápida que já se desenha desde Aveiro até Vilar Formoso veja a abertura que se está a fazer desde o Porto até Bragança e por aí fora veja por exemplo o que foi a obra de irrigação do do do do vale do vale do Mondego
- (86) determinaram que NINGUÉM apresenta uma tese com mais de 150 páginas justamente PARA se escapar a esse perigo dessa inflação *quer dizer* de fazer das teses *eh* cada vez trabalhos de maior dimensão em todos os aspectos dimensão material dimensão de pesquisa dimensão de obras estudadas etc etc de forma que *eh tam'ém* compreendo a forma como a coisa se coloca *eh* justamente aqui
- (87) enquanto estive *tam'ém assim* em certos lugares por vezes em Bristol em Newcastle aqui e ali *eh* um pouco isolado ou em contacto c' uma realidade diferente
- (88) são duas figuras é um homem já não me lembro do nome dele é um chamado qualquer coisa *eh*
- (89) tens três quatro cinco seis contos para l para receber que só vais receber \ só vais receber daqui a l ano ó coisa assim
- (90) embora só venha a ser nossa quando já formos velhinhos com 60 e não sei quantos anos

- (91) só o *qui* acontece é **que** eh esses médicos são sete ó oito *p'ra* aí \ dois são em Lisboa realmente *eh* mesmo no centro de Lisboa aqui no sítio não há nenhum *portanto* aqui **no no no** local nos arredores *depois* há um no Cacém *eh* há outro em Cascais e assim por diante
- (92) e aí aprendi bastante porque ele *explicaba* tudo como se chamava e isso tudo
- (93) começou a gostar *assim* um bocadinho da vida do restaurante e viu que vale a pena e começou *assim* a meter coisas na cabeça à minha mãe: "e vamos abrir um restaurante e isto e aquilo"
- (94) e dizem sempre que que o padre 'tá sempre con-/ contra eles e mais isto e mais aquilo não é?
- (95) e também mesmo eu 'tou convencida *qu'* uma pessoa que tenha feito o o mesmo percurso que nós fizemos logo quando acabe o curso não tem de maneira nenhuma preparação por exemplo *p'a* ser professor universitário *eh* assistente ou *p'a* falar em congressos ou uma coisa dessas
- (96) já \ acho eu que chumbou na 1ª e na 2ª ou o que foi
- (97) sobretudo em Lisboa porque não há tempo *p'ra* vir a casa almoçar as pessoas na verdade reduzem já o almoço a um pastel e a um **um** *eh* < uns pastelinhos de bacalhau um copo de leite etc
- (98) *quer dizer* enviar um livro com a franquía *qui* o *qui* o livro exige com o trabalho **do** empregado que tem que fazer o embrulho do livro de o levar ao correio e tudo o mais o livro dá l prejuízo
- (99) de barco \ é 400 e tantos escudos a ida 400 e tantos escudos
- (100) *então* é um romance que eu comecei a escrever há muitos anos antes eu julgo que / não tenho bem a certeza julgo que em 1964 *mas eh* em / que depois não acabei *quer dizer* que não acabei não que não sabia bem qual era o fim e e 'tive à espera
- (101) *pois pronto mas* era o seguinte é *que eh* essa questão da da unificação através da da < do retirar das tais letras das tais consoantes não articuláveis a certa altura parece-me um baralhar e dar de novo \ eu vou dar um exemplo concreto se nós tiramos o "c" em "objecto" em "acto" em "fact-/" em "facto" não *bom eh mas* naquelas em que nós não pronunciamos em "jacto" por exemplo por outro / portanto aí houve uma unificação à custa dessa tal consoante não articulada *não é?*
- (102) moro em Braga não é exactamente em Braga é a quilómetro e meio da vila de Braga
- (103) eu recordo-me que fazia montes de compras eu logo a seguir fui aumentada poucos meses depois fui aumentada e eu lembro-me que com esse aumento \ fiz *assim* umas compras fabulosas na Baixa

- (104) aqui há uns / *num sei* há um ano e tal dois anos dois anos talvez *eh* o meu colega pediu-me *p'ra* meter um prego na parede
- (105) *agora* quanto às influências estrangeiras eu penso que \ nós felizmente *eh* ultrapassámos a ideia de que devemos seguir ou teremos fatalmente que seguir como pequeno país que somos seguir modclos estrangeiros
- (106) *bem* esta é a grande questão de facto *ó* pelo menos uma das grandes questões nós estamos aqui *eh* juntos *mas* estamos aqui juntos \ há < tem havido uma grande dificuldade em jun-/ em nos juntarmos noutros lugares
- (107) exacto o que me parece parece-me não \ estou absolutamente certo é de *qu'* aquele exemplo que construiu é um exemplo TOTALmente artificial tal como este exemplo de *qui* agora falou o Manuel Sousa Santos

4 A reprodução do discurso directo

Na língua falada, a reprodução do discurso directo através do próprio discurso directo evita a integração sintáctica, permitindo até a reprodução de interjeições, onomatopeias, vocativos e imperativos. CASTELEIRO é de opinião que este é um fenómeno marcado diastraticamente, ao afirmar:

"Na linguagem popular usa-se ainda com frequência outra forma de evitar a subordinação explícita, a qual consiste em introduzir o discurso directo para relatar a fala de outras pessoas. Este processo, além de evitar a formação de frases complexas que tornariam difícil ao ouvinte compreender aquilo que o locutor diz, introduz no discurso uma nota de vivacidade."²²

Ora no *corpus* registámos a reprodução do discurso directo pelo discurso directo em 38 informantes, tendo 20 deles utilizado também o discurso indirecto. Verificou-se a ocorrência de ambos os tipos de reprodução indistintamente em falantes de todos os níveis de instrução e até em situações mais formais, como seja conferências e debates. Registaram-se por vezes no mesmo enunciado transições graduais entre o discurso directo e o indirecto, o que não surpreende, pois alterações no planeamento do discurso são características da língua falada.

Em meu entender, a reprodução do discurso directo através do próprio discurso directo é um fenómeno universal da língua falada e

relaciona-se essencialmente com a emotividade e expressividade características da língua falada.

O discurso directo foi utilizado no *corpus* por 5 professores universitários, 2 escritores, 4 estudantes, 1 jornalista, 1 informante com estudos universitários, 8 alunos de escolas secundárias e 3 informantes sem profissão. Por outro lado, utilizaram o discurso indirecto 3 professores universitários, 1 escritor, 3 estudantes, 1 jornalista, 6 informantes com estudos universitários, 5 alunos de escolas secundárias e 2 informantes sem profissão.

Exemplos

- (108) então fomos ter com a minha tia que ela mora lá um bocadinho mais p'á beira fomos perguntar-lhe se ela tinha algum trabalho p'ra nós que é p'rá gente ganhar dinheiro
- (109) e disse assim "no que é que tu te vais meter?"
- (110) atendi o telefone e disse "sim senhora aceito" "mas não quer reconsiderar?" "não quero reconsiderar pronto"
- (111) é preciso eu parar e dizer "ouçam lá primeiro e depois eu depois eu faço a síntese"
- (112) e quanto aos escritores o eh o Nunes apareceu a dizer em tempos que ninguém o obrigaria a dizer "facto" como os portugueses
- (113) não eu disse que o acordo era absurdo atenção que o acordo é que é o absurdo
- (114) já experimentou tantos médicos tantos agora que foi ao melhor médico que lá há que lhe disse que aquilo que foi de de nascença
- (115) há pessoas que dizem que / e então onde são dois reformados já se sabe que é uma continha boa eh há pessoas que dizem que não chega \ não chega eu digo isto "não chega | para quem quer grandezas"
- (116) de maneira que chega lá uma senhora ao pé de nós a procurar-lhe qualquer coisa mas nós não percebíamos nada e dissemos que não sabíamos e depois a minha neta ela *apercebeu* o que ela dizia foi-lhe ensinar e eu disse assim "ó Manuela então o que é que aquela senhora queria?" "era para lhe ensinar onde era a igreja"

Os informantes são: uma aluna da escola secundária (107), escritores (108), (109), professores universitários (110) – (112) e informantes sem profissão, do meio rural (113) – (115).

5 Construções impessoais com tópico marcado

Em construções impessoais do tipo "parece-me" ou "pediram-me" verifica-se com frequência um dos processos de marcação de tópicos, a deslocação à esquerda clítica.²³ Este tipo de construções parece

favorecer a tendência para marcar o pronome clítico, ou seja, o sujeito lógico, em vez do sujeito não referencial da oração impessoal, deslocando-o (no nominativo) para a esquerda.²⁴

Exemplos

- (117) podia mas \ *eu* não me lembra
 (118) portanto \ *eu* por mim não me importa mas há muitas pessoas que não gostam *n'ê?*
 (119) sim eu *eu parece-me* que é por causa disso que elas não não gostam de ir
 (120) *eu* só me *conheciam* por a filha do Maneta
 (121) e sabe *qu'* uma vez na Alemanha *eu pediram-me* para eu ler uma < um texto
 (122) oh mas *eu dá-me* a impressão que não percebeu bem o que eu lhe queria perguntar
 (123) eu *eu* a mim *parece-me* que ...

6 "Pronomes expletivos"

6.1 *ele*

O "*ele* expletivo" utiliza-se com frequência no Português falado. No *corpus* apenas se registaram duas ocorrências, em informantes do meio rural que não exerciam actividade profissional.

- (124) *ele ele* uma vez até veio aí um rapaz com certeza que estava lá ou era conhecido dele
 (125) e segue por aquele ca- / caminho largo *p'ra* baixo que é como uma estrada não é? e lá vai ter e ouve ouve um um motor a trabalhar que *ele* andam a regar

CUNHA / CINTRA afirmam na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*:

"Na linguagem popular ou popularizante de Portugal aparece por vezes um pronome *ele* expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il (il y a)*".²⁵

Também VASCONCELOS²⁶ registou no capítulo sobre a "syntaxe populaire" a existência das construções *ele chove, ele são horas*. VERDELHO, ao analisar a linguagem regional e a linguagem popular no romance regionalista português, menciona em "Factos do plano sintác-

tico" o "*ele* expletivo" "usado como sujeito de verbos que na língua padrão são impessoais" bem como um "*ele* (que) ocorre a reforçar o sujeito de algumas proposições, antecipando-se-lhes, quer este seja do singular e do masculino, quer seja do plural, ou até do feminino".²⁷ RAPOSO afirma que um pronome expletivo, que "é por definição vazio de conteúdo e de referência", em Português "só pode ser nulo"; admite contudo que possa ser fonético, "pelo menos em certos dialectos, incluindo o Galego".²⁹

No *Dicionário do Português Básico* lê-se a respeito do "*ele* expletivo":

"Na linguagem popular pode ser utilizado como uma espécie de falso sujeito, isto é, para preencher um lugar deixado vago, reforçando o sentido da frase".

6.2 aquilo

Além de construções com o "*ele* expletivo", marcadas diastraticamente, registou-se no *corpus* a ocorrência de construções impessoais com um "*aquilo* expletivo"²⁹. Estas construções, marcadas diafasicamente mas não diastraticamente, são frequentes no Português falado e encontram-se repetidamente no discurso de falantes de nível de instrução superior.

Exemplos:

- (126) *aquilo* agora há muita política lá dentro
- (127) não não gosto acho péssima até *aquilo* é quase todos os dias batata frita frango ou bife ou assim
- (128) e eles dizem que aquilo é é muito chato *p'às férias* \ do Verão porque *'tão* lá mais estrangeiros que portugueses e *aquilo* não há casas para alugar e quando há são muito caras
- (129) a sério olhe que isto é a sério eu estou a dizer tudo quanto é sério *num* imagina porque se falam então numa subida *aquilo* é acarretar acarretar *porqu'* há muito dinheiro porque mesmo cá em Canas tudo vai | ganhando mais ou menos
- (130) é de andarem com aquelas botas de borracha molham-se andam com aqueles fatos de oleado e *aquilo* um dia apanha-se o reumático
- (131) a maré *'tava* seca certamente [...] cá fora não *dá* *aquilo* é cair lá e morrer logo [...] aquele buraco [x] *aquilo* é cair lá nunca mais

7 Os demonstrativos *isto, isso und aquilo*

A análise do *corpus* confirma a elevada frequência na utilização, na língua falada, dos demonstrativos invariáveis – nas suas funções deíctica, anafórica e de *passé-partouts*. Pode concluir-se, em meu entender, que este é um fenómeno específico do Português falado e que não se situa na variedade diafásica, como tem sido afirmado.³⁰

Exemplos

- (132) *aquilo* é muito calor
- (133) *aquilo* foi uma brincadeira
- (134) *aquilo* parecem máquinas
- (135) *aquilo* são 200 metros
- (136) num sei nunca se pode fazer nada ao cinema não se pode ir porque tem sempre letras por baixo tem que se ler sempre e '*pois aquilo é muito depressa e não sou capaz de ler tã'* depressa
- (137) ah *isso* já se tem que pagar
- (138) ah *isso* sou
- (139) é que sou profundamente querida por essa massa anónima de pessoas *isso* é uma verdade não é?
- (140) eh a liberdade é um facto eh as pessoas realmente não têm medo de falar de conviver de expressar as suas opiniões *isso* são são hábitos que vão entrando pouco e pouco < a pouco no-/ nos hábitos de de de um < dum a nação não é? dum país
- (141) eh por *isso* eu tanto estou a falar no discurso directo < no discurso indirecto como no discurso directo porque eh o próprio < a própria personagem está-se a interrogar a si própria e '*tá* sempre a / eh e '*tá* sempre em em conversa consigo própria e com os seus fantasmas eh *isso* tem sido a minha maneira de escrever
- (142) *isso* a culpa não será desta questão
- (143) *isso* aí é que há confusões
- (144) *isso* é muito difícil responder
- (145) *isso* gosto muito de ler
- (146) *isso* lá em Portugal em relação aos outros países *tam'ém* é a mesma coisa
- (147) *isso* não duram todo o ano
- (148) *isso* não há dúvida nenhuma
- (149) *isso* não me deixavam
- (150) *isso* não sei
- (151) *isso* talvez fosse preferível no campo
- (152) *isso* tem-se hipótese
- (153) *isso* tento ir
- (154) mas há uma certeza que eu tenho na minha vida é que se alguma vez eu me / tivesse se-/ seguido o caminho normal *p'ra* uma mulher eh e

e *p'ra* qualquer pessoa até que é eh que é eh casar-se e ter filhos e v- / ter família viver com com alguém eu acho nunca escrevia \ *isso* tenho a certeza que nunca escreveria

- (155) mas o que é certo é que desde desde os horários *de* / *p'ra* se levantar desde os horários de trabalho à à à comida aos gostos eh eh e aos hábitos na verdade tem-se / está perfeitamente adaptado perfeitamente integrado CONservando deva dizer-se conservando a sua Ética profissional alemã *isso* na verdade é é um trabalhador INCansável
- (156) nunca trabalhou *p'ós* Henri- / nunca trabalhou *p'ós* Henriques não \ *isso* é o Tó e eu e eu trabalhei também *p'a* ele
- (157) só rapazes eh de maneira **que** como nós fomos fundadores logo no primeiro ano viemos para cá *isso* criou laços muito fortes entre entre nós e e portanto é é muito bom e sinto-me lá bem
- (158) também *isso* *isso* comecei há pouquíssimo tempo
- (159) chegou lá para as 10 da noite *isto* no mês de Dezembro 10 da noite já é noite adiantada sim porque começa a anoitecer às 5 da tarde
- (160) *isto* estamos a brincar
- (161) portanto isto numa freguesia *cu'* a população reduzida *isto* é muito importante
- (162) que eu estava a pagar por mês | cerca de quatro contos e quinhentos cinco contos *isto* já há dois anos é muito caro para o nível de n- / de vida dum português

No *corpus* registou-se ainda, embora com menor frequência, o uso de demonstrativos variáveis e invariáveis com valor depreciativo, referindo-se a pessoas.

Exemplos

- (163) esta pequena em chegando a ter tanta idade como tem de dedos não há quem se encampe com ela *isto* há-de ser uma víbora
- (164) *essa* gente viaja também *essa* gente também tem contactos com o exterior agora é precisamente eh o contacto com os americanos que lhes dá uma certa independência
- (165) uma das coisas que eu admiro muito *naquela* gente é que \ são pessoas muito simples e não obstante fazem um esforço enorme para trabalhar para o coro trabalhar nos ensaios

Confirma-se que no Português falado *isso* é o demonstrativo mais frequente. No *corpus*, a sua frequência foi de 0, 42% (em *Português Fundamental* 0, 45%); a de *isto* foi de 0, 15% (em *Português Fundamental* 0, 22%) e a de *aquilo* 0, 10% (em *Português Fundamental* 0, 24%).

8 Nota final

Teria sido impossível expor em tão curto espaço o projecto em toda a sua extensão. Com esta pequena amostragem, pretendemos apenas dar a conhecer o *corpus* em que se baseou e chamar a atenção para alguns resultados.

Muitos outros temas são ainda objecto deste projecto de investigação sobre o Português falado, incluindo os seis tópicos seleccionadas como "áreas críticas da língua portuguesa" por PERES / MÓIA³¹ para a sua análise de textos jornalísticos.

A descrição sistemática dos aspectos do Português falado permitirá, sem dúvida, detectar as influências da língua falada na língua escrita (não só em textos jornalísticos) – sintoma de crise ou de um processo de mutação linguística?

Notas

- 1 HOLTUS / METZELTIN / SCHMITT 1988-1994: *Lexikon der Romanistischen Linguistik*.
- 2 Da autoria de SCOTTI-ROSIN.
- 3 SCHMIDT-RADEFELDT 1984.
- 4 MAÇÃS 1976, CASTELEIRO 1975, MEYER-HERMANN 1979, SCOTTI-ROSIN 1983.
- 5 NASCIMENTO / MARQUES / CRUZ 1987.
- 6 Ver também MATEUS / BRITO / DUARTE / FARIA 1989: 361-364.
- 7 Lê-se por exemplo no artigo de VERDELHO sobre "Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português", publicado em 1982: "Há várias formas que apresentam casos de assimilação consonântica, que se realiza na linguagem popular" (VERDELHO 1982: 48).
- 8 Em *Português Fundamental*, a frequência atingida pelas formas de *estar* e de *['tar]* foi respectivamente 0,732% e 0,448%.
- 9 Ver também KOCH / OESTERREICHER 1990: 50-72, SÖLL 1980: 162-179, CASTILHO 1989.
- 10 Ver KOCH / OESTERREICHER 1990: 51-54.
- 11 Outros autores consideram um terceiro grupo, o dos *marcadores conversacionais mediais*, incluindo neles indistintamente *fáticos e marcadores de hesitação*, que, em meu entender, pertencem a grupos distintos. É o caso, por exemplo, dos colaboradores do "Projeto NURC/SP" (ver MARCUSCHI 1989 e também PRETI / URBANO 1990: IV, 73-74). CASTELEIRO inclui nas "expressões fáticas" *olhe, sim, não, diga lá, quer dizer, ou seja* (Ver CASTELEIRO 1975: 73). No Espanhol falado, CRIADO DE VAL agrupa os equivalentes a *desculpe, pois, bom, vamos, ou seja, claro, pois, bem, bom* nas "formas de apoyo y sequencia en el coloquio" (Ver CRIADO DE VAL 1980: 58-59).
- 12 A frequência atingida por *que* no *Português Fundamental* – 27.817 (3,97%) – é a frequência global do *que* em todas as funções e não a frequência do relativo, como afirma erradamente SCHAFROTH (SCHAFROTH 1993: 337).

- ¹³ KOCH / OESTERREICHER designam estes marcadores por “Kontaktsignale” (*sinais de contacto*), “Hörer- und Sprechersignale” (*sinais do ouvinte e sinais do falante*). Embora em alemão adoptemos essa nomenclatura, optámos pela designação *fáticos* para o Português.
- ¹⁴ Através de *fáticos* do tipo *hm, pois, sim, claro, exacto*.
- ¹⁵ Ver KOCH / OESTERREICHER 1990: 58-59.
- ¹⁶ No *corpus*, registou-se uma grande variedade e frequência destes *fáticos*. Entre eles, registou-se também a ocorrência de *pá*, que considero uma expressão interjectiva convencionalizada usada enfaticamente. Nas entrevistas do *Português Fundamental* analisadas por CASTELEIRO, pelo contrário, foram registadas poucas fórmulas de tratamento devido ao “contexto de situação em que a entrevista se realizava” (ver CASTELEIRO 1975: 65).
- ¹⁷ Não se assinalam de modo especial essas repetições nos exemplos. Indica-se por isso o nº de alguns exemplos em que ocorrem: (1), (2), (3), (4), (5), (6), (9), (36), (46), (49), (53), (55), (58), (71), (73), (77), (84), (85), (89), (91), (94), (98), (101), (106) e ainda (111), (125), (140), (154), (155), (156), (157).
- ¹⁸ Ver os exemplos (6), (68) e (100) a (107).
- ¹⁹ Como nos exemplos (2), (7), (9), (59), (74), (75), (83), (86), (114), (129), (155).
- ²⁰ Ver os exemplos (1), (5), (10), (17), (20), (64), (78), (79), (80), (81), (82), (99) e também (156).
- ²¹ Foi indicado oportunamente o número dos exemplos em que ocorrem outros processos conversacionais não assinalados.
- ²² CASTELEIRO 1975: 63.
- ²³ Ver MATEUS / BRITO / DUARTE / FARIA 1989: 228-232.
- ²⁴ Ver para o Italiano LA BENINCÀ: 65, citada em D’ACHILLE 1993: 120.
- ²⁵ Ver CUNHA / CINTRA 1984: 284. Ver também SPITZER 1917: 713-718 e Reim 1961: 165-190.
- ²⁶ Ver VASCONCELOS 1971: 122.
- ²⁷ Ver VERDELHO 1982: 72.
- ²⁸ Ver RAPOSO 1992: 482-485.
- ²⁹ Trata-se de um *aquilo* “expletivo” pois é semanticamente vazio e não referencial.
- ³⁰ OLIVEIRA regista o uso enfático de *isto, isso e aquilo* e refere a sua grande utilização na “fala corrente” (OLIVEIRA 1962: 56). No *Dicionário Básico do Português* encontra-se apenas em relação a *isto* a referência: “pode funcionar como simples expressão enfática e utiliza-se em frases da ling. familiar.”
- ³¹ PERES / MÓIA 1995.

Referências

- BLANCHE-BENVENISTE, CLAIRE: “L’importance du français parlé pour la description du français tout court”, em: *Recherches sur le français parlé*, 5, Provence, 1983, 23-45.

- BRAUER DE FIGUEIREDO, MARIA DE FÁTIMA: "Zweisprachigkeit und Mündlichkeit – einige Merkmale des gesprochenen Portugiesisch", em: *Akten des 2. gemeinsamen Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik Berlin 1992*, Beihefte zu Lusorama, 1. Reihe, 5., Frankfurt / M., TFM / Domus Editoria Europaea, 1993, 101-145.
- BRAUER DE FIGUEIREDO, MARIA DE FÁTIMA: "Aspectos do Português falado em Portugal e na Alemanha", em: *Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanística Hamburg 1993*, Lisboa-Porto-Coimbra, Lidel, 1995, 35-54.
- CASTELEIRO, J. MALACA: "Aspectos da Sintaxe do Português falado no Interior do País", em: *Boletim de Filologia, XXIV*, 1975, 57-74.
- CASTILHO, ATALIBA TEIXEIRA: "Para o estudo das unidades discursivas no Português falado", em: CASTILHO, ATALIBA TEIXEIRA (Org.): *Português culto falado no Brasil*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1989, 249-279.
- CASTILHO, ATALIBA TEIXEIRA / PRETI, DINO (Org.): *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*, I-IV, São Paulo, T. A. Queiroz, Editor / FAPESP, (1986-1990).
- CRIADO DE VAL, MANUEL: *Estructura General del Coloquio*, Madrid, Sociedad General Española de Librería, S. A., 1980.
- CUNHA, CELSO / CINTRA, LINDLEY: *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, 1984.
- D'ACHILLE, PAOLO: *Sintassi del parlato e tradizione scritta della lingua italiana*, Roma, Bonacci Editore, 1990.
- KILBURY-MEISSNER, URSULA: "Die Anredeformen in 'Os Maias' von Eça de Queirós", em: BRIESEMEISTER / FLASCHE / KÖRNER (Org.): *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte*, Münster, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1985, 157-173.
- KOCH, PETER / OESTERREICHER, WULF: *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*, Tübingen, Max Niemeyer, 1990.
- Lexikon der Romanistischen Linguistik*, VI, 2, HOLTUS, GÜNTER / METZELTIN, MICHAEL / SCHMITT, CHRISTIAN (Org.), Tübingen, Niemeyer, 1994.
- MAÇÃS, DELMIRA: "Fórmulas interlocutórias do diálogo no Português moderno coloquial", em: *Biblos XLV*, Coimbra, 1976, 153-266.
- MARCUSCHI, LUIZ ANTÔNIO: "Marcadores conversacionais do Português brasileiro", em: CASTILHO, ATALIBA TEIXEIRA (Org.): *Português culto falado no Brasil*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1989, 281-318.
- MATEUS, MARIA. HELENA MIRA / BRITO, ANA MARIA / DUARTE, INÊS / FARIA, ISABEL HUB: *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1989.

- MEYER-HERMANN, REINHARD: *Studien zur Funktion von Metakommunikation (am Beispiel gesprochener portugiesischer und französischer Alltagssprache)*, Bielefeld, Habil., 1979.
- NASCIMENTO, M. FERNANDA BACELAR / MARQUES, MARIA LÚCIA GARCIA / CRUZ, MARIA LUÍSA SEGURA: *Português Fundamental. Métodos e Documentos*, 2 vol., Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.
- OLIVEIRA, MARIA MANUELA MORENO: *Processos de intensificação no Português contemporâneo*, Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1962.
- PERES, JOÃO ANDRADE / MÓIA, TELMO: *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 1995.
- PETRUCK, CHRISTOPH: *Sprachregister und Pronominalgebrauch im Portugiesischen*, Münstersche Beiträge zur Romanischen Philologie, Münster, Kleinheinrich, 1989.
- RAPOSO, EDUARDO PAIVA: *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*, Lisboa, Caminho, 1992.
- REIN, HANS-JÜRGEN: *Syntax und Stilistik des Subjektpromens in der portugiesischen Prosa*, Marburg, Diss., 1961.
- SCHAFROTH, ELMAR: *Zur Entstehung und vergleichenden Typologie der Relativpronomina in den romanischen Sprachen*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1993.
- SCHMIDT-RADEFELDT, JÜRGEN: "Zum gesprochenen und verschrifteten Portugiesisch", em: HOLTUS, GÜNTER / RADTKE, EDGAR (Org.): *Umgangssprache in der Iberoromania. Festschrift für Heinz Kröll*, Tübingen, Gunter Narr, 1984, 247-257.
- SCOTTI-ROSIN, MICHAEL: "Gliederungssignale im portugiesischen Text", em: SCHMIDT-RADEFELDT (Org.): *Portugiesische Sprachwissenschaft*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1983, 9-20.
- SÖLL, LUDWIG: "Aspekte der französischen Gegenwartssprache", em: HAUSMANN, FRANZ JOSEF (Org.): *Die Französische Sprache von heute*, Darmstadt, Erich Schmidt Verlag, 1983, 286-305.
- SPITZER, LEO: "'es' im Portugiesischen", em: *Zeitschrift für Romanische Philologie* XII, 1917, 713-718.
- VASCONCELOS, JOSÉ LEITE DE: *Esquisse d'une Dialectologie portugaise*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970.
- VERDELHO, EVELINA: "Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português", em: *Boletim de Filologia* XXVII, Lisboa, 1982, 1-115.
- VILELA, MÁRIO: *Dicionário do Português Básico*, Porto, Edições ASA, s. d.
- WEINRICH, HARALD: *Textgrammatik der französischen Sprache*, Stuttgart, Ernst Klett, 1982.